

UMA COLUNA SOCIAL

Em lugar das notinhas que dão conta de aniversários, celebrações, badalações, fotografias de gente alegre, bonita, saudável; notinhas que, indiretamente, informam sobre a existência de pessoas ou grupos capazes de gastar dinheiro com iates, hotéis, bebidas caras, mansões... E se em lugar dessas notas aplicássemos a noção de coluna social às páginas que registram problemas?

Talvez, em lugar de usar a expressão **coluna**, fosse mais adequado utilizar o termo **lacuna**. E, como estamos num período em que as lacunas são muito heterogêneas, seria mais adequado ao domínio do jornalismo adotar o plural: **lacunas sociais**.

O jornal Tribuna da Bahia de 23 de abril de 2002, na primeira página do caderno Região Metropolitana fornece um bom exemplo de **lacunas sociais**. Na matéria principal tem-se o título “Medo decreta fechamento de escola”. Dentro da matéria aparecem dois títulos menores: “Pais de alunos solicitam policiamento” e “Aposta na impunidade é arma”. Outra matéria situada na referida página tem como título “Silêncio ainda é lei no bairro de Saramandaia”; no canto inferior esquerdo da página lê-se: “Dengue ainda leva vítimas a postos”. “Transporte coletivo é a grande dor de cabeça dos usuários” é o título que se encontra no canto inferior direito. “Estudantes querem estimular o voto” é a menor matéria da página.

Enquanto na coluna social clássica os acontecimentos são individualizados pois referidos a fatos que “têm dono”: é o aniversário, é o lançamento do livro, é o encontro entre o governador e o empresário, é a festinha de comemoração pela passagem do vestibular da filha de alguém, é a chegada do diretor da multinacional etc. É um discurso ilustrado com o predomínio da teleobjetiva, exibindo feitos de pessoas. No mundo das lacunas sociais, as falas colhidas devem ser lidas como exemplos da “fala geral”, assim como o uso da estatística. Trata-se de uma pequena prova, uma amostra de uma regra geral como pode ser observado pela declaração de uma aluna, publicada pela

Tribuna: “A filha da secretária de Segurança Pública estuda em escola particular, com toda a segurança do mundo, mas **nossos** filhos não. Pagamos **nossos** impostos e **exigimos** policiamento efetivo”. De acordo com o jornal trata-se de uma declaração da “estudante Kátia Brito, de 37 anos, que estuda no turno da noite e tem dois filhos que estudam no Clériston pela manhã”.

Um outro exemplo que evidencia a natureza coletiva do problema é a fala de uma morador de Saramandaia: “A verdade é que os marginais mandam aqui. Quando eles querem, o pequeno comércio fecha, as escolas param de funcionar e o posto de saúde não abre. **Somos impotentes** para resolver a situação”. Uma outra evidência da existência de um problema social está contida nos números apresentadas na matéria que trata da dengue: “Só neste ano, 6.363 ocorrências foram notificadas”.

São vazios com essa magnitude que indicam a fragilidade das colunas sociais erguidas à distância das lacunas. Mas estas, cada vez mais, têm revelado o seu formato horizontal, sua expansão rumo a domínios antes inimagináveis: “os bandidos estão mais corajosos, não temem nada ou ninguém e sabem que a polícia demora para chegar. Eles pulam os muros para bater em alunos e furtar e já chegaram mesmo a me ameaçar”. Esta é uma declaração de Vera Barbosa da Silva, diretora do colégio Clériston Andrade, há 12 anos. Desse modo vai sendo percebido que as colunas que deveriam contribuir para a sustentação da ordem social estão ameaçadas e começam a dar sinais de que podem ser derrotadas uma vez que as medidas adotadas não são mais eficazes ao enfretamento dos problemas: “os muros da escola, que possui uma área grande, são baixos e um vigilante só não é suficiente para deter o ímpeto dos invasores (...) A polícia diz que não pode disponibilizar policiamento efetivo. Mas a ronda de nada adianta, porque quando ela passa aqui, o problema já aconteceu”.